

# Lima Barreto: linguagem e ser

Igor Rossoni

Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Campus Universitário Ondina – CEP: 40.170-290 – Salvador – BA – Brasil

***Abstract.** This essay lays an overview on the biological image of the man Afonso Henriques de Lima Barreto and of the writer Lima Barreto, aiming to think about the unusual matter on the national literature.*

***Keywords.** Brazilian literature; critics; language; prejudice.*

***Resumo.** Este ensaio lança mirada sobre as figuras do homem biológico Afonso Henriques de Lima Barreto e do escritor Lima Barreto visando a refletir sobre questão inusitada nas letras nacionais.*

***Palavras-chave.** Literatura Brasileira; crítica; linguagem; preconceito.*

Sobre a triste-figura de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881–1922) – sem, de fato, o ser – recai condição, no mínimo, inusitada. Trata-se de personalidade canonizada – reconhecida publicamente ainda em vida – que, por muito tempo, teve a obra sob suspeita. Só recentemente a crítica tem-lhe revisitado a produção e “descoberto” o que, até então, muitos olhos insistiram em não querer enxergar. O fato perpassa por, basicamente, dois motivos interligados e determinantes: o olhar sobre o homem-biológico Afonso Henriques de Lima Barreto e o olhar sobre o artista Lima Barreto.

No campo das relações humanas, impõem-lhe julgamento restritivo ao tecido literário a partir de uma visão desqualificativa em função de certo preconceito devido às origens humildes – nascido no subúrbio carioca, tendo vivido nele por quase toda a vida; pobre; mulato; filho de escrava negra e pai português – e ao comportamento social: tomado pelo alcoolismo e por distúrbios psíquicos. Deste modo, a hipocrisia dominante não poderia aceitar que um mulato pobre, filho de escrava, se equiparasse aos medalhões e tivesse o nome literariamente reconhecido. Alia-se a este fator a atitude de enfrentamento que Afonso Henriques de Lima Barreto imprime à cena, respondendo em tom acirrado – por vezes conscientemente petulante – às constantes perseguições sofridas: “Eu não sei bem se tenho inimigos, mas o meu livro deve ter. Não digo que sejam daí, porque ninguém conheço em Lisboa; mas estes grandes personagens brasileiros que passam por aí freqüentemente podem ter-lhe dito qualquer coisa em meu

desfavor” (D.I., 1956). Então, acusa, agride na mesma moeda contra o artificialismo preconceituoso de seus opositores: “Porque [...] o que é verdade na raça humana, não é extensivo ao preto; eu mulato, ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tratado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande” (D.I., 1956). Assim age, acima de tudo, por constituir-se sujeito consciente da própria investidura: “Eu quero ser escritor porque quero e estou disposto a tomar na vida o lugar que colimei. Queimei os meus navios, deixei tudo, tudo, por essa coisa de letras” (D.I., 1956). E retruca: “Por mais que não queiram, eu também sou um literato, e o que toca às coisas de letras não me é indiferente” (D.I., 1956). Pois é essa gana que faz com que se valha da literatura como resposta ferina; arma empunhada contra os algozes dos desfavorecidos. Se padeceu pela ação do verbo discriminativo e desqualificatório, ressentiu-se – igualmente – da ausência dele. O jornal mais poderoso do período impingiu-lhe represália decretando silêncio e proibição – por meio século – de qualquer referência àquela figura em suas páginas, fato que resultaria em declaração – movediça – posterior: “A única crítica que me aborrece é a do silêncio” (D.I., 1956).

O outro motivo, envolvendo a figura do escritor diz respeito à crítica quanto ao estilo. Melhor dizendo, à qualidade de utilização da língua na construção da literatura que praticara. Não se há de esquecer que, no período – ressalta Cavalcante Proença – domina o império da “efervescência gramatical em que a linguagem se espartilhava nos moldes da lógica formal, sem variantes de expressão, tudo se bifurcando no certo e no errado” (I.L., 1956). Lima Barreto, fora severamente criticado pelo uso “inadequado” do verbo, segundo os preceitos puristas e “magníficos” do pensamento e do estilo parnasianos. Assim, praticar um tipo de literatura que privilegie a utilização da linguagem de modo a – mais direta e abertamente – ser captada/compreendida pelo leitor comum – ao invés de motivo de destaque – o fora de pecha.

Os maiores críticos de então – tomados pelo ranço da ordem vigente – não foram capazes de entrever o futuro despontando. Ou melhor, provavelmente, não admitiram disso se aperceberem. Assim – para o senso da inteligência no período – aquele escrita estranha, deficitária, incipiente não poderia merecer crédito maior: tem muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo, registrara a voz de um José Veríssimo. Sobre o romance de estréia, mencionara Medeiros e Albuquerque tratar-se de Mau romance porque é da arte inferior dos romans à clef. Mau panfleto, porque não tem a coragem do ataque direto, com os nomes claramente postos e vai até a insinuações a pessoas, que mesmo os panfletários mais virulentos deveriam respeitar. Em verdade, sugere-se mais cômoda a sustentação da pecha de mau panfletário do que uma atitude de recuo pelo reconhecimento da novidade: a ação de revolucionário das idéias, opositor ferrenho aos arabesco lingüísticos da Belle Époque. Portanto, a intervenção que Lima Barreto concede à literatura tupiniquim não se restringe à voz em contra-ataque, pura e simplesmente. Talvez, em princípio, tenha sido este o motivo de ação. Com ele o incremento de um trabalho consciencioso sobre a língua, transpondo-a em uma linguagem acessível. Para isso, a desveste da moldura aristocrática tomada de empréstimo da cultura européia – cultivado pelo modelo parnasiano – e joga-a, deliberadamente, na lama da irreverência, no tédio e na amargura da dor amordaçada. Assim, ao mesmo tempo que confere audição, possibilita voz amplificada aos “desprovidos”, por intermédio de um exercício lingüístico completamente coerente e concernente ao fim a que se destina: poussa-a em solo de ruas e vielas dos subúrbios

cariocas, dando ao conhecimento do Brasil, um brasil abafado pelo jugo do interesse e do poder.

Em conseqüência do modo como combate o modelo de literatura vigente recai-lhe sobre a triste-figura o peso do pronunciamento de Albuquerque: mau romance, mau panfleto. A expressão busca dar cabo definitivo tanto ao homem quanto ao escritor. À figura do homem-biológico, destina a qualidade depreciativa de “panfletário”, e sobre a do escritor, a de incompetência para executar – à contento – o trabalho a que se propõe realizar. Entretanto, ao que parece, aí se manifesta a grande ironia, pois o que fora tomado por incompetência é a pedra de toque que possibilita a mudança; a desmontagem do velho para a construção do novo, a irreverência em desviar da norma e evidenciar toda potência expressiva da ambigüidade. Esta fora a atitude de concretização da própria crença, e esta a letra de que se valeu para tanto.

Ao escrever destina completa devoção ao público leitor – aquele tão discriminado quanto ele próprio: “Seria melhor que me dirigisse ao maior número possível, com auxílio de livros singelos, ao alcance das inteligências médias, com uma instrução geral, de que gastar tempo com obras só capazes de serem entendidas por sabichões enfiados na sua inteligência, pelas tradições de escolas e academias e por preconceitos livrescos e de autoridade” (D.I., 1956).

Em depoimento declara: “parei sempre no ideal; e se este me rebaixou aos olhos dos homens, por não compreenderem certos atos desarticulados da minha existência, entretanto elevou-me aos meus próprios, perante a minha consciência, porque cumpri o meu dever, executei a minha missão, fui poeta! Para isso fiz todo o sacrifício. A Arte só ama a quem a ama inteiramente, só e unicamente; eu precisava amá-la, porque ela representava não só a minha redenção, mas toda a dos meus irmãos, na mesma cor” (D.I., 1956). Daí, da revolta do indivíduo para a revolução nas lides do verbo, da palavra, da linguagem mais próxima do objetivo determinado. Nesse sentido, contrário à gama de vozes restritivas e reticentes, o narrador barretiano é, em verdade, um estilista da novidade. Um olho nos próprios pés, outro à frente da própria imaginação. Assim, Lima Barreto veio para sacudir o adestramento intelectual do dominante sobre o dominado e pagou o preço devido: “Assim como querem todos os mestres (...) eu tento também executar esse ideal em uma língua inteligível a todos, para que todos possam chegar facilmente à compreensão daquilo a que cheguei através de tantas angústias” (D.I., 1956).

À despeito de toda perseguição inicial – mas, apenas reforçando o caráter dicotômico que recai sobre a matéria – o corpo da crítica nacional não se absteve em estabelecer uma discussão comparativa entre Lima Barreto e Machado de Assis: dois autores cariocas, mais ou menos contemporâneos, de origens semelhantes, mulatos, literatos... No entanto, por mais que contenham pontos de aproximação, separam-se vertiginosamente. Isso se dá pelo modo como os devidos narradores executam as respectivas funções. Enquanto o narrador barretiano permite-se conduzir a partir de vivência e expressão concernentes à consciência do sujeito-autor Lima Barreto – no que diz respeito às instâncias da verossimilhança – construindo um universo ficcional denunciativo/contestatório; o narrador machadiano se movimenta de modo diverso, mais esguio, ou seja, menos demarcatório, demonstrando outra sorte de habilidade no trato com os recursos retóricos que a linguagem lhe disponibiliza.

Portanto, o resultado interventivo na atuação narrativa – do universo barretiano – instaura toda inflamação de um tecido confessional trazido à baila para concretizar a crença sedimentada no sujeito-autor Lima Barreto. Nesse sentido, o que se verifica são

qualidades e atitudes que se mantêm em paradigmas distintos. Lima Barreto: na obsessão da inconformidade. Machado de Assis: na obsessão da dissimulação. Assim sendo, parece justificarem plenamente as atitudes respectivas no que concerne ao tratamento dado às palavras: o discurso nobre/sacralizado do narrador machadiano – bem afinado, ao menos, ao tom aristocrático de exigência do período – e o discurso oralizado/desacralizado do narrador barretiano, construído na contramão da expectativa elitista. Desse modo, pode-se entrever a literatura de Lima Barreto a partir da deflagração do grito; e – em oposição – a de Machado de Assis como a consagração explosiva do silêncio desse mesmo grito. Portanto, se de um lado muito se afastam, de outro tanto se aproximam. Embora Afonso Henriques de Lima Barreto jamais admitisse isso.

Esse jogo de aproximações e distanciamentos nos permite refletir sobre depoimento de Sérgio Buarque de Holanda em relação ao uso da linguagem por Lima Barreto. Diz o ensaísta: “... embora muito mais consciente e governada do que pareça, e mais condicionada por influências estranhas, resultado de leituras numerosas, essa arte não denuncia a menor preocupação com as técnicas que servissem para enriquecê-la ou renová-la. Lima Barreto limita-se quase sem exceção, a pôr em prática, fiado no talento que Deus lhe deu e que os desenganos da vida apuraram, as tradicionais convenções da novela realista: criar ‘caracteres’ individuais convincentes e reproduzir com plausível fidelidade as circunstâncias em que se movem esses caracteres” (Prefácio, C.A., 1996). O ensaísta não deixa de tecer considerações pertinentes. Entretanto, estas parece não espelharem a totalidade do fazer escritural barretiano.

De fato, ao pensar-se no período Pré-Modernista – movimento onde Lima Barreto está alocado – não se pode deixar de entrever a relação de espelhamento revisitado deste para o último-anterior que lhe serve de ancoragem. Qual seja, o Realismo. Portanto, a modelagem de tipos, o tom de denúncia, o olhar crítico/clínico praticado naquele, vem reproduzidos neste, com a devida atualização temporal. Entretanto, como bem demonstrara Alfredo Bosi, o período é qualificado como “pré” em dois sentidos: no de menor importância, como mera referência temporal de anterioridade; e o que interessa salientar, como algo que antecipa – em termos significativos – estado *à posteriori*. Nesse sentido, o trabalho com a linguagem praticado pelo narrador barretiano, por mais que se mantenha nas lides oriundas dos procedimentos realistas – como observara Buarque de Holanda – constrói-se a partir do domínio e de uma consciência estilística inovadora, ou seja, em que se afasta daquela referência de época e exerce diverso artifício de manipulação da língua – aquele “modo desleixado” de tecer o discurso literário; retratar pela dinâmica do inusual a dinâmica do corriqueiro; superar a qualidade estática da norma de construção viciada e incólume do período – para constituir e antecipa e materializar-se na primeira voz efetiva do modernismo das letras nacionais, realizando – desde então – a atitude demolidora e revolucionária que iria caracterizar a primeira geração modernista. Portanto, à despeito da grande crítica da época, o que se tem é um nome a ser reverenciado como voz inaugural a libertar a linguagem das lides afrancesadas do “terceiro império”, imprimindo-lhe caldo de nacionalidade, impingindo-lhe alma e pulsação cotidianas por que tanto vieram a lutar aqueles doidos-meninos de 22. Nesse sentido, superação e inovação adquirem maior relevância do que observações pautadas por qualidades estáticas, como as apresentadas pelo crítico.

Por fim, o que se enseja é restabelecer um equilíbrio possível entre atitude e pensamento, e conduzir com febril-serenidade a reconstrução da figura – não mais da triste-figura – de um dos expressivos autores das letras nacionais.

Aí estão duas personalidades – na berlinda – diante dos acontecimentos: o homem-biológico Afonso Henriques de Lima Barreto e o escritor Lima Barreto (regente/regido pelas atitudes discursivas do narrador barretiano). Uma situação, duas condições gerando ainda hoje concordâncias e discordâncias. Se não por nada, só por isso bastaria.

### **Referências**

- BARRETO, Lima. *Diário Intimo*. Memórias. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Brasiliense, 1956. v. XIV.
- HOLANDA, S. B de. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Clara dos anjos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- PROENÇA, M. C. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Impressões de Leitura*. Crítica. São Paulo: Brasiliense, 1956. v. VIII.